

Natural ou Intelectual?

Orson Peter Carrara

Tomás de Aquino (1225-1274), filósofo e teólogo italiano, é considerado a figura mais importante da filosofia escolástica e um dos teólogos mais notáveis do Catolicismo. Sua obra é um dos grandes momentos da história da filosofia; foi canonizado pelo Papa João XXII, em 1323. Posteriormente, em 1567, o Papa Pio V proclamou-o Doutor da Igreja.

Pois entre os pensamentos do grande Tomás de Aquino, figura a idéia que ele qualificou de *Amor Natural* e *Amor Intelectual*, para definir e estudar o Amor.

Essa divisão em dois pontos, segundo o filósofo, surge no primeiro caso, do *amor natural*, da capacidade inata de todo ser humano na busca do afeto, na tendência ou aptidão natural na conquista do amor. Já no caso do *amor intelectual*, a questão se volta para a vontade de amar, para o querer ir em busca do amor. Notem a diferença: no primeiro caso, aptidão natural; no segundo, a iniciativa de ir em busca.

A aptidão natural já está no ser. No desejo e vontade, que requer a iniciativa e esforço, a situação é outra. Ocorre que na aptidão natural pode haver acomodação, preguiça; no segundo caso, porque *intelectual*, há movimentação de idéias e forças para alcance do objetivo.

O amor, por sua vez, confundido em todas as épocas com visões distintas (a depender do estágio moral e intelectual em que se coloca a pessoa), transcende o aspecto sensual, físico, de aparência, de tempo, espaço ou lugar. Ele está muito acima das precárias e temporárias condições humanas, para situar-se realmente no amor em sua verdadeira natureza: o amor ao próximo. Sim, porque somente amando ao próximo alcançaremos o sentido autêntico da vida.

O amor é confundido com paixão, que passa com o tempo, a idade ou outras condições. Se sofre abalos com os melindres, orgulho ferido, traições, já não é amor... Se chega a abater-se diante da ingratidão, do abandono, ainda não é amor. O amor verdadeiro aceita o outro como ele é, porque o compreende, o aceita, justamente porque se ama. Isto é o amor, que vai socorrer a necessidade do outro, que solidariza-se com a dificuldade alheia. Se é um sentimento que fica bem somente quando não nos contraria, já não é amor, mas egoísmo.

Por isso, o amor transcende a relação homem-mulher, situando-se além desta condição, já que não distingue diferenças, simplesmente ama. E quem ama, compreende, perdoa, aceita.

E muitos talvez perguntassem, como amar? Há uma receita, escrita com quatro "c": **compreende, coopera, cuida, compadece** (que tem compaixão).

Sim, **COMPREENDE** a dificuldade alheia; e porque compreende, **COOPERA** para minorá-la (com os esforços de sua própria iniciativa em favor da necessidade alheia); cooperando, **CUIDA** por manter o nível do amor no relacionamento. E, compreendendo, cooperando, cuidando, tem **COMPAIXÃO**, porque quando tudo se faz em favor de alguém e mesmo assim vem a ingratidão, a violência, quem se compadece entende que o outro não conseguiu entender, não conseguiu alcançar, não foi capaz... E esta situação sugere compadecer-se através da compreensão, do cuidado, da cooperação, num círculo que se renova.

Ora, isto é amar! Por isso, o grande Aquino sugere o amor intelectual na conquista da virtude da caridade, expressa na receita com os quatro "c". Madre Tereza de Calcutá, indagada sobre a virtude por excelência, afirmou tratar-se da compaixão, como a dizer que ela completa o amor.

E, curiosamente, embora o amor transcenda a relação homem-mulher, também pode ser exercitado entre cônjuges, amigos, irmãos, em família, ou entre quaisquer seres humanos, já que todos nascemos com uma aptidão natural para amar, mas que o amor intelectual pode desenvolver.

Estas considerações todas ouvimos de Sandra Borba no excelente seminário *A lei de amor: por que o amor tudo supera?*, durante a VI Conferência Estadual Espírita (evocando os 140 anos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*), realizada em Curitiba, em abril de 2004. O leitor interessado também poderá adquirir os dois excelentes CDs na Livraria Mundo Espírita, através do telefone 0 xx 41 225 2739.

Claro que o excelente trabalho de Sandra é muito mais abrangente que a simples abordagem do presente artigo, mas quisemos levar aos leitores a motivação para que adquiram os CDs e possam refletir também sobre essas valiosas considerações. Daí termos trazido tais questões aos nossos leitores.

(Artigo reproduzido do [site do autor](#) com a sua autorização)